

FIGUEIRÓ DA SERRA

Festa de Santa Eufémia

Faz parte do nosso museu de arte sacra um raro documento, através do qual o Papa Leão XIII, em 1881, concedia uma indulgência aos fieis que rezassem na igreja paroquial de Figueiró, nos dias 15 e 16 de Setembro. Isto quer dizer que essas datas tinham um significado evidente no calendário litúrgico da paróquia. Nesses dias celebrava-se, por certo, qualquer festividade a que os nossos antepassados daquele tempo dedicavam particular carinho tal qual acontece hoje em relação a St^a. Eufémia.

Pelos elementos de que dispomos, tudo indica que essa festividade fosse consagrada a S. Miguel ou a St^a. Bárbara. O certo é que a partir do final do século XIX ou princípio do século XX Figueiró começa a solenizar St^a. Eufémia e desde aí a sua importância subiu em crescendo de tal modo que foi a única que restou das várias festividades que aqui se realizavam.

E, ano após ano, ela continua o admirável milagre de reunir à sua volta uma multidão impressionante vinda dos pontos mais distantes. Foi o que ocorreu de novo. Centenas de figueiroenses, chegados de todo o lado, juntaram-se aos seus familiares residentes para, de novo, a 15 e 16 de Setembro, tal como acontecia com os seus avós, louvar St^a. Eufémia.

E, como sempre, as comemorações decorreram com aquele raro esplendor que nos deixa, no final, uma peculiar sensação de tristeza e saudade. O programa, de que constavam uns quantos bailes, ao som da música de diversos conjuntos, sempre concorridos, jogos tradicionais e outros divertimentos, foi-se cumprindo como previsto.

Na sexta-feira, 15, pelas 21 horas, deu-se início à parte religiosa, com a realização da procissão, que teve aquela afluência a que já estamos habituados mas que sempre impressiona. Esta é, de facto, a cerimónia mais comovente, constituindo, sem dúvida, um dos pontos altos das festas. Pelas 0,30 horas foi interrompido o baile que decorria no recinto das festas, completamente cheio, para a tão ansiada sessão de

fogo de artifício, que se traduziu num espectáculo de rara beleza. Cumprindo a velha tradição um numeroso grupo passou a noite em vigília junto à capela, entoando os velhinhos cânticos dedicados a St^a. Eufémia.

Pelas 11 horas de 16, chegou a vez da celebração da Eucaristia. A igreja, transformada num autêntico mar de flores, repartidas pelos inúmeros andores e pelos lindos arranjos espalhados por todos os altares, encontrava-se repleta de fiéis que participaram na cerimónia com elevada compostura.



Seguiu-se a procissão, à qual os andores emprestavam um colorido surpreendente e que percorreu, durante cerca de uma hora, as principais ruas da freguesia.

A meio da tarde o programa prosseguiu com a arrematação das ofertas que decorreu com a habitual animação e que resultou num proveito surpreendente. Teve lugar, depois, a romaria das ovelhas, com a participação de cinco rebanhos, tradição que se encontra arreigada, desde tempos imemoriais, nos costumes da aldeia. As crianças não foram esquecidas pela Comissão das Festas que retomou a feliz ideia da anterior e instalou os insufláveis no recinto das festas onde os mais pequenos experimentaram largos momentos de prazer

De assinalar ainda que, este ano, coube à Banda Filarmónica de Moimenta da Serra, já nossa conhecida, a tarefa de abrilhantar as festividades e fê-lo com inteiro agrado. O nosso aplauso para a Comissão de Festas pelo empenho nunca regateado no exercício das suas exaustivas funções.

Deixamos indicação dos elementos que compõem a Comissão das Festas para o ano de 2007:

- Mordomos –

- De Figueiró – António José Ferreira dos Santos, Ricardo Furtado, Aureliano Esteves, Aurélio Batista Figueiredo, Vítor Almeida Lopes, Luís Gouveia Albuquerque, António Tomé Saraiva.
- De Lisboa – José Maria Mendes
- Do Porto – Jair Ferreira dos Santos
- De Coimbra – Rui Miguel Garcia Ferreira
- Viana do Castelo – Amândio Peixoto
- De França – Américo Estêvão Ferreira, João Pedro Tente
- Dos Estados Unidos: - Manuel Ferreira Dionísio e José dos Reis Coelho de Sousa.

-Mordomas –

- Emília Catarina Figueiredo Esperança e Eunice Filipa Tomé.

Lenda da Princesa Moira

Integrado no programa das festas, no domingo, 17, procedeu-se à apresentação do livro intitulado “A Princesa Moira de Figueiró”, que mereceu a aceitação dos muitos amigos que quiseram estar presentes na sala de exposições do museu rural.

Os proveitos serão canalizados para as obras sociais da aldeia. O livro pode ser adquirido, em Figueiró, através da D. Maria de Jesus Saraiva, em Gouveia, no Centro de Turismo, instalado no edifício da Câmara Municipal . Também pode ser adquirido em Lisboa, na Rua Rodrigo da Fonseca, 99 – r/c, Esq. (junto ao Hotel Ritz), Telfs. 213814302 ou 214184531

Crisma

O mau tempo que se fez sentir, no dia 24 de Setembro, impediu uma recepção mais calorosa a D. Manuel Felício, bispo da Guarda, como, de resto, era desejo e costuma ser apanágio da comunidade de Figueiró.

O prelado chegou à paróquia, por volta das 17 horas, para administrar o sacramento do Crisma a cerca de 40 elementos, alguns jovens e outros não tanto, e de imediato deu começo à celebração da Eucaristia, numa igreja repleta e bonita como sempre, coadjuvado pelos padres José Carlos Boto, pároco de Figueiró, e António Morais, pároco de Folgoso. Durante a homilia, o Senhor Bispo exortou os presentes a transformarem-se num exemplo de solidariedade para com os outros, pondo em prática na sua vida de cada dia os ensinamentos do Evangelho.

A cerimónia foi acompanhada pelos Trovadores de Deus, da comunidade de Celorico da Beira em conjunto com os elementos do coro local. Seguidamente, cerca de 170 pessoas, entre os crismados, padrinhos e familiares, reuniram-se, com a presença de D. Manuel Felício e dos párocos, no acolhedor restaurante da Quinta do Adamastor, onde lhes foi servido um jantar.

A refeição decorreu com muito agrado e num autêntico ambiente de festa. Durante ela o Senhor Bispo deu curso à sua proverbial simpatia, conversando com todos os presentes sem qualquer excepção.

A jornada ficou a constituir um marco de relevo na vida religiosa da paróquia!

Museus

Mais uma vez foram inúmeros os visitantes dos museus, todos manifestando o seu apreço pelo trabalho realizado.

É consolador verificar que alguns conterrâneos, que não aceitavam a obra, simplesmente porque nunca a haviam apreciado, tivessem alterado por completo a sua opinião após a primeira visita. Inclusivamente, verifica-se um fenómeno interessante: muitos conterrâneos começam a convencer-se de que os museus são, efectivamente,

o local indicado para guardar as memórias do nosso passado e estão, outra vez, a entregar, com essa finalidade, peças de estimação.

De referir que o Senhor Bispo D. Manuel Felício se mostrou surpreendido com a existência dos museus, que não visitou apenas por manifesta falta de tempo, prometendo, no entanto, fazê-lo numa primeira oportunidade.

José M. Mendes